

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
Vinícius Batista Rocha

Da coleta à vida

**Livro de fotorreportagem – Retratos do cotidiano em busca pela vida
digna.**

“A ambiental” - Cooperativa de Coleta de Materiais Recicláveis

Goiânia
2010

Prólogo do livro de fotorreportagem

Por que escrever em um livro que é feito para ser visto e não lido? Realmente, aqui nada é necessário ler para se ver as fotos. Nada do que for lido mudará o que será visto, no sentido óptico apenas. Não as deixará mais bonitas aos olhos. Mas peço calma ao leitor, para que não vá para as imagens e deixa ao vento tudo o que está escrito. Algumas coisas devem ser contadas. Então falta algo nas fotos para que faça terem sentido? – o leitor pergunta. Não. Elas são completas. Não dependem de informações extras para serem percebidas e identificadas. No entanto, podem-se existir orientações para que elas sejam interpretadas. Tal interpretação faz daquele que as vê, ter idéia do porquê de suas existências a assim saber se poderão lhes fazer alguma diferença até poder senti-las. Isso não exclui outras formas de interpretação. Não há conclusões específicas a serem tomadas com as fotos. Há sim, orientações para sua melhor percepção que podem causar reflexões. Os sentimentos e interpretações sobre cada imagem variam para cada sujeito, que carrega história de vida e experiências únicas. A necessidade aqui é de dar ao espectador uma experiência pela leitura visual, com a ajuda de informações sobre ao conteúdo que a corresponde, e a partir disso fazê-lo pensar questões subjetivas a um determinado tipo de situação.

Mas o que deve ser contado? – o leitor, novamente. As fotos do livro são sobre um grupo de pessoas que vivem de coisas que não têm serventia para outros indivíduos. A necessidade de buscar do lixo algum proveito para a sobrevivência, vem de indivíduos que não tem mais de onde tirar da vida. Algo não deu certo: o emprego acabou; não há mais como suportar condições de indignidade; a honestidade diz que ganhar dinheiro ilicitamente não vale à pena. Há então, uma saída: do que é descartado, pode-se ter alguma utilidade. Vive-se com dignidade a partir da criatividade sobre coisas simples: um papelão de geladeira vira colchão, um tronco de árvore vira travesseiro, fuma-se um cigarro e tira-se um cochilo de vinte minutos após o almoço. Quando, nos encontros da vida, essas pessoas em condições semelhantes se juntam para melhorar seus aspectos de vida, surgem possíveis perspectivas para o futuro. E com elas, organizações. É esse grupo, um desses casos.

Da coleta à vida retrata a organização “A Ambiental” – cooperativa que coleta, separa, e vende materiais recicláveis. As fotografias, em suma, compreendem retratos o

de relacionamentos (amizades, relações familiares, descontração, conversas, amores) e do caráter humano – enfrentamento perante as durezas da vida e a manutenção de sua essência. Também foram clicados modos de vida, costumes e hábitos, longe de querer pretender descrever os costumes de determinada classe social. A resistência, o trabalho e suas dificuldades também foram retratados como pano de fundo a situar esses momentos. Durante o trabalho de pesquisa e permanência no local, foram recolhidas informações que estão dispostas num texto ao longo das imagens.

Com a especialização da coleta, novos produtos passam a fazer parte do trabalho: materiais de construção com defeitos, plantas à beira da morte, peças de informática sucateadas. Cria-se, ainda, um destino fino para o uso de materiais diversos: a arte. E com ela, surgem instrumentos de expressão artística: bonecos feitos de jornal, esponja e garrafas pet, carros de catador com rodas de *compact disc*. Novas idéias e perspectivas são criadas. Esses ângulos também foram enquadrados.

A estruturação e o desenvolvimento da Cooperativa são restritos a ela e pertencem a um contexto econômico, político e social, dependendo também das pessoas que a constitui. Essas, por sua vez, são dotadas de histórias de vida, e particularidades únicas. No entanto, há formas de vida que se baseiam em condições parecidas e que se formam em organizações semelhantes, com suas devidas singularidades, mas que nascem e batalham por um desejo comum: alcançar uma vida digna.

Texto da fotorreportagem

Da coleta à vida

Retratos do cotidiano em busca pela vida digna

O conceito de dignidade humana desperta significados e sentidos diferenciados em cada indivíduo. Também segue diversas vertentes que se modificam à medida em que ocorrem transformações do conceito de vida, de humano, de vida humana social e as suas implicações ao nível do desenvolvimento, da solidariedade e equidade dos seres que habitam o mesmo planeta. Ao se buscar definições em variados dicionários para a palavra dignidade, é possível encontrar ampla gama de conceitos que convergem num conjunto de valores a cerca da vida humana, como: respeito a si mesmo, amor-próprio, honra, respeito, autoridade. Sob esse caráter subjetivo, é impossível indicar a uma pessoa o melhor caminho para alcançar uma vida digna. Percebe-se apenas que todos querem de alguma forma buscar tais fatores.

Contudo, existem alguns caminhos bem conhecidos que podem assegurar maiores possibilidades da conquista de uma vida sob esses aspectos. Por outro lado, é evidente que essas vias não são acessíveis à maioria, excluindo grande parte de indivíduos distantes dessas oportunidades. Possibilidades alternativas então são criadas e encontradas. A carência das condições essenciais que as impossibilitam de exercer os variadas dimensões que a vida pode adquirir, faz com que um surjam movimentos se organizem, e a partir de suas lutas onde ocorrem sucessos e fracassos, busquem maneiras de alcançá-las.

Entender como isso realmente ocorre (um desafio constante), e tentar representar o que isso pode significar é intensamente gratificante. É sob esse lema que o objetivo principal do presente livro se evidencia: revelar traços e nuances que expressem a dignidade, a partir de momentos do cotidiano de um grupo de indivíduos que buscam garantir condições essenciais da vida por meio de princípios que visam atender concepções de vida humana social, colocando como primeiro plano a prioridade à equidade entre as pessoas.

Nesse cenário se encontra a organização cooperativista de catadores de materiais recicláveis, denominada “A Ambiental” – objeto principal retratado de interesse neste livro. São ambientados e se organizam numa forma de trabalho rompendo um padrão hegemônico de produção baseado na ordem da lucratividade como progresso econômico e do consumismo como maneira fundamental de exercício da vida, incapaz de atender a demanda.

Com a exclusão social de indivíduos, visto como um fenômeno corrente a partir da década de 1970, com a reestruturação do sistema capitalista, nasce os movimentos de de economia popular que utilizam a solidariedade como norteadora de ações para a promoção da inclusão social. São chamados de organizações de economia popular solidária, pois procuram uma forma alternativa de geração de trabalho e renda. a possibilidade de auto-sustento pode levar ao indivíduo uma condição de elevação de auto-estima, dando poder de participação das dimensões que a vida proporciona.

“A ambiental” é um dos oito grupos que trabalham, atualmente, com coleta de materiais recicláveis em Goiânia. Possui um galpão de depósito na região norte da capital goiana, onde concentra algumas de suas principais atividades. O número de pessoas que a integra é variável, já que o problema de rotatividade nesses tipos de organizações é bastante notável. Durante a produção deste trabalho, o número que compreendia o grupo variou entre doze e dezoito pessoas. A maioria delas são oriundas

de Goiânia. Algumas vem de diferentes regiões de Goiás, até de outras localidades do Brasil.

O que gera renda financeira ao grupo se resume na atividade da coleta, triagem e venda de materiais recicláveis adquiridos em doações feitas a partir de parcerias com diferentes tipos de entidades. Materiais de variadas espécies que antes eram descartados recebem valor de mercado e são responsáveis pela geração de renda e trabalho dessas pessoas. Papel, plástico, metais, madeira, peças sucateadas de informática, restos de materiais de construção, são os principais produtos que dão atividade à cooperativa.

Como forma de promover a ajuda mútua, as divisões de trabalho não são fixas, apesar de que sejam diferenciadas para facilitar e dar sistematização ao processo de produção. Contudo, a interação e exercício de todos os aspectos das atividades que compreendem o dia-a-dia são incentivados como forma de conhecimento sob todas as problemáticas que dão funcionamento à cooperativa.

A UTI das plantas e as atividades paralelas

“A Ambiental” se formou formada ano 2000, com diversas dificuldades de recursos. Suas atividades ainda tinham organização precária. A falta de recursos e parcerias fazia que durante meses a produção de renda era praticamente nula. Diversas pessoas que lá entravam não conseguiam se manter com os ganhos escassos. Com o passar dos anos, ganhou consistência ao firmar contratos de coleta e receber apoio de instituições. Novos materiais passaram a fazer parte de seus trabalhos, adquirindo novas formas de rendimento. É o caso, de uma coleta realizada numa grande rede lojista, onde recebem materiais de construção e mobília que apresentam defeitos e não podem ser vendidos. Muitos chegam à cooperativa em boas condições e quando vendidos representam um ganho extra à renda dos recicláveis. Muitos também servem como mobília para o espaço do escritório e das demais áreas que compõem o galpão.

Entre a vinda desses materiais, também estão plantas de jardinagem, que são doadas quando já aparentam menor vitalidade. Quem tem maior cuidado no tratamento dessas plantas é a cooperada Nara, que costuma chamar o local onde aloja os vegetais de “UTI das plantas”. Ela diz que durante a coleta é necessário um cuidado especial em

seu transporte dessas plantas. A maioria chegam à cooperativa em boas condições, mas outras vem em condições precárias. Aquelas com chances de sobrevivência, recebem tratamento prioritário na UTI. “Em algumas semanas muitas se recuperam e voltam a florescer normalmente”, afirma. Nara diz que o comércio das plantas ainda não gera renda significativa. Para isso são necessários melhor estrutura e entendimento sobre os processos de criação, passando a desenvolver um ambiente específico para essa atividade.

Com a quantidade volumosa de coisas que chegam ao depósito, muitos materiais acabam ficando sem destino. Com é materiais que Deivid, se utiliza para fazer o que mais gosta, desenvolver objetos para a realização de uma peça teatral de bonecos. A partir de jornal, esponja, arame, peças de informática, garrafas pet, ele põe em prática o que já aprendeu sobre a fabricação de bonecos e caminha no desenvolvimento de produção de uma peça teatral cujo tema trata o acidente radiológico com o Césio 137, ocorrido em 1987 em Goiânia. Seu personagem principal é um catador de lixo que carrega sua carroça, como pode ser visto na figura 5.

Um trabalho que não rende

Apesar das diversas possibilidades e aumento das atividades indicam o crescimento da cooperativa, as dificuldades também estão presentes no cotidiano da cooperativa. O preconceito e a falta de conhecimento sobre essa forma de trabalho impõe barreiras para o seu desenvolvimento.

Para dar exemplo, é o que se pode ver na fotografia. Em uma instituição parceira que faz a doação de materiais, há falta da separação de materiais diferenciados e no estoque para coleta. Na fotografia em que aparece um vestuário íntimo é o resultado do problema em que não é feita a separação do lixo doméstico, ao que é reciclável. A mistura entre diferentes espécies causam a perda de grande quantidade deles, provocam maiores riscos de acidentes ao exigir severo cuidado de manuseio, já que não se sabe qual tipo de material poderá encontrar no monte.

Deivid reclama do problema. Já machucou sua coluna ao pisar num papelão escorregadio que se escondia sob o enorme volume de materiais misturados e espalhados pelo chão. Ao comparar o tempo necessário num ponto de coleta em que há devida separação em específicos *containers* e a organização do estoque dos produtos, onde isso não acontece, pode-se verificar um aumento no desgaste físico dos

trabalhadores e um gasto de tempo bem superior entre a realização das tarefas. Na figura 3 mostra Nara, já cansada com pouco tempo de trabalho e esforço grandioso que deve realizar resultando em pouca produtividade. Diz indignada, que o trabalho dessa forma não rende. O excesso de esforço para separar e coletar o que está espalhado pelo chão, leva à exaustão rapidamente do catador.

Milena, atual responsável pela coordenação das atividades da “Ambiental”, diz que os cooperados são vistos como preguiçosos por parte dos funcionários que trabalham diretamente na disponibilização da coleta realizada pela instituição. “Açam que a gente não quer coletar, que queremos levar só o que é melhor”, ao explicar que isso causa atrito entre a relação os funcionários. Da forma como é disponibilizado o material, não é possível fazer toda a coleta, já que há compromissos em outros pontos com hora determinada. Se não cumpridas podem perder o acordo firmado. Ela diz grande parte do material não é possível ser coleta e deve ser deixado para trás, o que acumula sujeira no local e gera um engano na interpretação sobre o trabalho dos catadores.

Em um outro local de coleta, nenhum desses problemas são encontrados. Os materiais são organizados e dispostos separadamente. Praticamente não há perda de material e o tempo gasto para ser feito todo o trabalho nem se compara.

A importância da coletividade

Há um clima de integração entre os trabalhadores sempre presente não só dentro depósito, mas durante todo conjunto de tarefas realizado pela cooperativa. A conversa entre os indivíduos e os momentos de descontração são comuns a todo momento. Discutem desde questões relacionadas à ordem dos serviços aos assuntos pessoais. A amistosidade presente nos relacionamentos é notável e permite criar um ambiente de caráter familiar. Os conflitos não deixam de existir. Percebe-se que os problemas são levados a sério e tendem sempre serem tratados, ajudando no desenvolvimento de um espaço de acolhimento entre as pessoas.

A necessidade de participação sobre as variadas esferas que dão movimento aos trabalhos, coloca o cooperado em condições de posicionamento frente aos problemas e participação na tomada de decisões da cooperativa. Milena, afirma que essa é uma maneira para se trabalhar em prol da coletividade. O cooperado não tem horários estabelecidos a serem cumpridos obrigatoriamente. Já os rendimentos totais, que sempre

variam dependendo da produtividade do mês, são divididos igualmente sem distinções entre os cargos. Porém, recebem proporcionalmente ao período trabalhado. Quem trabalhou mais horas durante o mês recebe parcela maior na divisão dos rendimentos da cooperativa. Isso faz com que o sujeito não se sinta diferenciado pela função que exerce, e que entenda o valor de seu tempo dedicado ao serviço.

A forma de dar ritmo as atividades é evidenciar a interdependência entre os processos que compõem todo o funcionamento da organização. A coordenadora da Ambiental explica que o cooperado reconhece os prejuízos ao diminuir seu ritmo de trabalho, podendo acumular serviço o que influencia o andamento das demais etapas. O fator de não haver divisão fixa é importante nesse momento para equilibrar as carências existentes em determinadas atividades.

A noção de coletividade é sempre bem difundida. Não está presente somente aos rendimentos mas sob variados aspectos que compõem o cotidiano da A ambiental. Um exemplo claro disso é a divisão da alimentação. Uma parte dos rendimentos são dedicadas a compra de suprimentos para todos influenciados nas tarefas. A prática da divisão igualitária é sempre. As fig. 19 e 20 retratam um momento de pausa para um lanche onde é dividida uma melância entre todos. Um fato curioso na fig. 20, é quando a “Pequena”, querida cadela não fica de fora da divisão, recebendo também o seu pedaço.

Os momentos de intervalo após as refeições sempre são importantes, onde representam um tempo dedicado ao convívio entre os cooperados e no alívio das tensões. Contos, histórias e anedotas estão sempre presentes ali. Nasce nesse ambiente a importância da integração entre os indivíduos, onde estabelecem importantes trocas de humanidade, onde se vê como moeda de troca, os sentimentos, afetos e de possíveis demonstrações de amor.